

**ESTEJA PRESO, COMUNISTA!
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE PRÁTICAS ANTICOMUNISTAS NO
PÓS-GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964 NO PIAUÍ**

**YOU ARE UNDER ARREST, COMMIE! BRIEF OBSERVATIONS ON ANTI-COMMUNIST PRACTICES IN
PIAUÍ, RIGHT AFTER THE 1964 CIVIL-MILITARY COUP**

Marylu Alves de Oliveira¹³⁰

Resumo: Neste artigo temos como objetivo apresentar as principais práticas associadas ao anticomunismo, após o golpe civil-militar de 1964 no Piauí. Para a consolidação do regime militar que acabara de se instalar naquele estado, parcela significativa da sociedade, associada ao comando militar, promoveu uma série de ações contra os comunistas, e também contra indivíduos, que mesmo não se considerando comunistas, eram percebidos e classificados como tais. Ocorreram prisões, torturas, perseguições, denúncias, rejeição, controle social, perda de empregos públicos, dentre várias medidas e ações empreendidas pelas forças conservadoras que apoiaram o golpe, no sentido de refrear movimentos sociais, que mesmo não se identificando com o comunismo, tentavam promover mudanças nas condições de vida dos piauienses mais pobres. Ressaltamos que este é um estudo bastante inicial e que tem como finalidade desdobrar caminhos de investigação para a história do golpe e ditadura militar no Estado do Piauí

Palavras-Chaves: Anticomunismo – Golpe Civil-Militar – Piauí.

Abstract: In this article we attempt to present the main practices associated with anti-communism after the civil-military coup of 1964 in the state of Piauí, Brazil. For the consolidation of the military regime that had just been installed in that state, a significant portion of society, associated with the military command, initiated a series of actions against the communists and also individuals who, although not considering themselves as communists, were perceived and classified as such. There were arrests, torture, persecution, accusations, rejection, social control and loss of government jobs, among the various measures and actions taken by the conservative forces that supported the coup, in order to curb social movements which, although not identifying with communism, tried to promote changes in the living conditions of the poorest residents of Piauí. It is emphasised that this is a preliminary study, whose aim is to open avenues of research into the history of the coup and military dictatorship in the state of Piauí.

Keywords: Anti-communism - Civil-Military Coup - Piauí.

[...] veio aqui um dirigente nacional chamado Osvaldo Rocha, por sinal nascido no Piauí, [...], mas ele chegou aqui com o nome de César, para fazer um levantamento do potencial de luta nossa aqui, que a gente queria fazer a revolução armada. Aí [...] ele foi dormir na casa do Benoni, e o Benoni deu o nome dos militantes e dos simpatizantes, 64 pessoas, [...] essa mancada, deu o nome de todo mundo e foram presos. Cometeram a ingenuidade de passar na

¹³⁰ Professora da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos (PI). Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará.

frente do DOPS. Lá no DOPS, na parede, tinha o retrato do Osvaldo, o Benoni já tinha o dele queimado, na parede ainda tinha o retratado do Osvaldo como comunista perigoso, procurado. Osvaldo já tinha jogado uma bomba num rádio em Goiás, ele já tava mesmo no terrorismo, e aí não teve jeito, prenderam os dois, foram presos umas nove horas da manhã, meio dia quando foram revistar o Benoni a lista ainda tava no bolso, rapaz!

(Marcos Igreja – comunista piauiense na década de 1960).

Os estudos sobre o golpe e a atuação das esquerdas¹³¹ no Piauí ainda têm longo caminho a ser percorrido, pois ainda são raríssimas as investigações que abordam a atuação dos partidos de esquerda, como, por exemplo, o Partido Comunista Brasileiro¹³² e o Partido Trabalhista Brasileiro¹³³. Se, por um lado, em decorrência da escassez de pesquisas mais aprofundadas, a atuação política dos esquerdistas ainda é pouco conhecida no Estado, por outro lado, possuímos alguns estudos sobre movimentos conservadores e anticomunistas no mesmo período,¹³⁴ que se devem, em grande medida, ao vasto material de fontes jornalísticas e memorialísticas, que possibilitaram análises acerca de alguns segmentos sociais que apoiaram o movimento golpista de 1964. Nesse sentido, percorrer este trajeto hemerográfico e memorial possibilita vasculhar ações e discursos que atuavam no sentido de barrar o que muitos acreditavam – ou queriam propagar que assim o fosse – ser um movimento comunista de grande força nacional.

¹³¹ Acreditamos que é possível e, portanto, legítimo evidenciar as diferenças entre esquerda e direita. Apontamos tal necessidade com base na perspectiva de Norberto Bobbio (2011), no qual a díade direita/esquerda deve ser compreendida a partir de uma distinção apresentada pela noção de igualdade para cada um dos polos políticos. Para Bobbio, toda e qualquer doutrina política tem a ver, em menor ou maior medida, com a ideia de igualdade. Contudo, a ideia de igualdade define-se por uma noção relativa, e não absoluta, cabendo-se aos intelectuais sempre perguntar: igualdade entre quem, em relação a que e com base em que critérios?(BOBBIO, 2011, p. 112-113). O autor compreende que esquerda e direita trabalham com a noção de igualdade; todavia “quando se atribui à esquerda uma maior sensibilidade para diminuir as desigualdades não se deseja dizer que ela pretenda eliminar todas as desigualdades ou que a direita pretende conservá-las todas, mas no máximo que a primeira é mais igualitária e a segunda é mais inigualitária” (p. 119). Na concepção desse cientista político, existem duas formas de classificar esse debate. Em primeiro lugar, há uma igualdade/desigualdade natural, e, em segundo, há também uma igualdade/desigualdade social. Para Bobbio, o indivíduo que se baseia em concepções igualitárias acredita que as desigualdades são, em sua maioria, geradas no social, portanto seriam elimináveis. E os inigualitários reforçam as desigualdades naturais, por isso inelimináveis. Para Norberto Bobbio, a esquerda tende a considerar que os homens são mais iguais que desiguais, enquanto a direita aponta que a desigualdade é natural, valorizando elementos como a meritocracia. Ver: BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significações de uma distinção política*. 3.ed. São Paulo: Unesp, 2011.

¹³² Ver artigo: SOUSA, Ramsés Eduardo Pinheiro de Moraes e SANTOS, José Maurício Moreira dos. “VELHOS CAMARADAS”: contribuição inicial à história do Partido Comunista Brasileiro no Piauí (1932- 1964). *Anais eletrônicos do XII Encontro Nacional de História Oral*.

Disponível em: <http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/site/anaiscomplementares> acessado em 26 de setembro de 2014.

¹³³ OLIVEIRA, Marylu Alves de. Chagas Rodrigues, PTB e o Trabalhismo no Piauí. In.: LIMA, Frederico Osanan Amorim e ARAÚJO, Johny Santana de (orgs.). *História: entre fontes, metodologias e pesquisa*. Teresina, PI: EDUFPI; Imperatriz, MA: ÉTICA, 2011. p.89-104

¹³⁴ OLIVEIRA, Marylu Alves de. *Contra a foice e o martelo: considerações sobre o discurso anticomunista no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal O Dia*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007; OLIVEIRA, Marylu Alves de. *A cruzada antivermelha - democracia, Deus e terra contra a força comunista: representações, apropriações e práticas anticomunistas no Piauí na década de 1960*. Dissertação (Mestrado) – UFPI, Teresina, 2008.

O objetivo desse artigo não é o de assinalar uma visão holística sobre o golpe civil-militar de 1964 no Piauí, mas apontar indícios para pesquisas futuras sobre o assunto. Especificamente, buscamos compreender as práticas anticomunistas que contribuíram para consolidar o golpe, e que repercutiram anos depois na vida de muitos indivíduos piauienses, comunistas ou não.

Ressalte-se que o plano de atuação dos golpistas locais não diferiu muito das ações praticadas em âmbito nacional, contudo, algumas singularidades constituíram aquele momento para a *cultura política*¹³⁵ piauiense. Como um pêndulo, à medida que fixamos o olhar sobre o movimento criado pelo golpe de 1964 no Piauí, evidenciamos, de um lado, as tentativas de articulação de grupos políticos e partidários que reivindicavam mudanças sociais; e, por outro, observamos a *cultura política* tradicional que desejava permanecer detentora do poder político e do *status quo*.

Para desvelar a complexidade deste quadro, apoiamo-nos na noção de representação,¹³⁶ discutida por Roger Chartier (1990). Este conceito nos possibilitou observar que os anos anteriores e posteriores ao golpe foram determinantes para a propagação de uma gama de representações anticomunistas, que tinham como um de seus principais objetivos dar notoriedade e negativizar a atuação de políticos e participantes de movimentos sociais locais, bem como dos próprios comunistas. Estas publicações, que geralmente eram feitas nos jornais, ajudaram a compor um clima de aversão ao comunismo e aos comunistas no Piauí, aspecto que foi decisivo para a consolidação do golpe no Estado. Tais representações negativas não podem ser desvinculadas de grande número de práticas (discursivas ou não), lançadas contra vários indivíduos no pós-1964. Nesse sentido, colocaremos em relevo, nesse artigo, algumas práticas anticomunistas no Piauí, logo após o golpe civil-militar de 1964, no sentido de demonstrar as especificidades e singularidades da tomada de poder pelos militares em rincões tão afastados dos grandes centros urbanos.

Em primeiro lugar, podemos elencar algumas práticas discursivas que promoveram a base para a construção deste texto. Não tivemos dificuldade em detectar o material anticomunista, uma vez que todos os jornais de grande circulação local, pesquisados e publicados no Piauí, nas décadas de 1950 e 1960, traziam discursos adversos ao comunismo. Os noticiosos, em geral, estavam ligados aos partidos políticos

¹³⁵ BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. Para uma nova história cultural. Lisboa: Estampa, 1998. p. 349-366.

¹³⁶ Roger Chartier apresenta três formas de percepção do vivido: as representações, as apropriações e as práticas. Sobre a noção de representação, o autor recorre à acepção antiga do termo retirada do *Dicionário Furetière*, no qual resulta de duas ordens de razão, “por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém”. As representações, para o autor, são essas formas de pensar o mundo, dar a ler uma leitura da sociedade em que os indivíduos vivenciam as suas práticas cotidianas. CHARTIER, Roger. História cultural: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; São Paulo: BERTRAND, 1990. p.20.

e procuravam mostrar que a sociedade brasileira estava em via de uma transformação total, contribuindo, de forma significativa, para que os diversos setores conservadores se colocassem contrários ao comunismo, sobretudo a quaisquer manifestações que reivindicassem mudanças para o social.

Uma importante instituição que contribuiu para esta percepção do social foi a Igreja Católica, rica produtora de representações e práticas anticomunistas durante as décadas de 1950 e 1960. No tocante às práticas discursivas, um importante veículo foi o jornal *O Dominical*, órgão oficial da Igreja Católica no Estado. O noticioso tomava para si a tarefa de orientador espiritual, apontando a forma de relação ideal que os fiéis deveriam ter com a Igreja Católica. Constituído por uma linha doutrinária conservadora, um de seus temas preferidos era o comunismo, em especial, quando orientava os católicos piauienses a repudiarem seus “praticantes”.

Acrescente-se que os livros católicos que versavam sobre o comunismo também eram bastante expressivos. Em nossa pesquisa sobre os suportes de leitura anticomunista, que circularam na década de 1960 no Piauí, a grande maioria dos livros que identificamos pode ser classificada como publicações religiosas vinculadas à Igreja Católica, dentre estes destacamos: O livro Vermelho da Igreja perseguida (1959), A Filosofia do comunismo (1958), Kremlin ou vaticano?(1967), Catecismo anticomunista (1963).

Com relação às práticas não discursivas anticomunistas, ainda de cunho religioso, podemos perceber que parte das ações sociais da Igreja Católica, junto aos trabalhadores, no início da década de 1960, no Piauí, tinham como propósito evitar a infiltração comunista. Como exemplo, podemos citar a organização dos sindicatos rurais e a criação dos círculos operários, que pretendiam empreender a formação de líderes trabalhadores longe da influência dos comunistas.¹³⁷

Após o golpe civil-militar de 1964, foi organizada em Teresina, por um grupo de senhoras católicas, uma missa em Ação de Graças, pela “vitória da democracia sobre o comunismo ateu”,¹³⁸ celebrada pelo Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela. No entanto, uma das maiores manifestações de cunho religioso e anticomunista foi a *Marcha da Família com Deus e pela Liberdade*. Apesar de não ter sido organizada oficialmente pela Igreja Católica no Piauí, o evento teve expressivo caráter religioso, por ter como intuito aglutinar o maior número possível de indivíduos no combate ao “comunismo ateu”.

Os convites para a participação naquela manifestação aconteceram nos jornais da seguinte forma:

PIAUIENSE! Não se omita. Participe da Marcha da FAMÍLIA com DEUS pela LIBERDADE.¹³⁹
COMERCIANTE!

¹³⁷ FEDERAÇÃO dos Círculos Operário do Piauí. *O Dominical*, Teresina, n.40/62, p.4, 14 out. 1962.

¹³⁸ MISSA em ação de graças pela vitória da democracia. *O Dia*, Teresina, n. 1213, p.8, 10 abr. 1964.

¹³⁹ PIAUIENSE. *O Dia*, Teresina, n.1213, p. 1, 10 abr. 1964.

É indispensável e necessária a sua colaboração à MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE.

Na terça à tarde espera-se que o comércio cerre as portas às 15 horas, para que empregadores e empregados estejam presentes à MARCHA.

Espera-se que cada comerciante de tecido contribua com uma faixa para o desfile, contendo o "slogan" de alusão ao perigo comunista e de aplausos às nossas Forças Armadas. (sic)¹⁴⁰

MOTORISTAS!

Dê sua contribuição à MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE.

Transporte gratuitamente as pessoas pobres, do subúrbio, na terça-feira à tarde, a fim de que todos possam tomar parte no movimento.

Com Deus pela Liberdade em defesa da Democracia.¹⁴¹

A manifestação realizada no dia 14 de abril de 1964, alguns dias após o golpe, teria contado com a participação de cinquenta mil pessoas, segundo o jornal *O Dia*. Não se pode confirmar se realmente o número anunciado pelo jornal está correto, no entanto, um informe importante deve ser analisado com relação à quantidade de participantes do evento. A marcha teve sua saída marcada para às 17 horas, mas teve que ser antecipada em meia hora, por causa da grande quantidade de populares que se encontravam na Avenida Frei Serafim, ponto de encontro inicial do evento.

Figura 1- MARCHA da família com Deus pela liberdade no Piauí.



Fonte: *O Dia*, n. 1216, p. 1, 14 abr. 1964.

¹⁴⁰ COMERCIANTE. *O Dia*, Teresina, n. 1216, p. 5, 14 abr. 1964.

¹⁴¹ MOTORISTA. *O Dia*, Teresina, n. 1216, p. 7, 14 abr. 1964.

Não foi apenas a Igreja Católica quem se colocou a favor do golpe, e impulsionou práticas contra o comunismo, outros movimentos de caráter civil, que possuíam uma tônica anticomunista para a sua organização, enviaram comitivas ao Piauí naquele momento. Como ocorreu em fevereiro de 1965, com a chegada do grupo que representava o “Movimento de Rearmamento Moral”.¹⁴² Segundo o anticomunista, ex-desembargador e presidente da Academia Piauiense de Letras, Simplício de Sousa Mendes, este movimento representava: “[...] a reação da consciência espiritual e social do século, contra todos êsses nefastos e catastróficos efeitos dêsse mundo puramente material”.¹⁴³

Outro agrupamento civil que também chamou a atenção nesse período foi a Organização dos Proprietários de Terra do Estado do Piauí. Com o avanço das reivindicações surgidas no campo, qualquer organização de trabalhadores era tachada, principalmente pelos donos de terra, como um movimento de cunho comunista, e que deveria ser barrado com urgência. Os latifundiários piauienses passaram a manter constantes reuniões para discutir sobre a questão agrária no Estado,¹⁴⁴ principalmente na capital, Teresina, demonstrando o resultado desses encontros, e seu descontentamento, através dos meios de comunicação à época.

Em 1963, muitos latifundiários do Piauí teriam começado a travar uma luta direta contra os “comunistas” no campo. De acordo com o jornal *Folha da Manhã*, na coluna destinada à Assembleia Legislativa do Estado, no dia 15 de novembro de 1963, foi reproduzida a fala do deputado *petebista* Deusdedith Ribeiro, contra as ações desses proprietários de terra. Segundo o deputado:

os lavradores de Teresina haviam fundado recentemente a “Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Teresina” com grande sacrifício, para ver, hoje, tocada fôgo pelos latifundiários e reacionários [...] que agora começaram pelas sedes das associações para amanhã, talvez, tocarem fôgo nas próprias residências dos camponeses.¹⁴⁵

Não há como afirmar que o fogo tenha sido colocado por ordem dos latifundiários, mas temos a convicção de que os movimentos organizados pelos trabalhadores incomodavam de forma intensa esse segmento. O assunto sobre as reformas no campo geravam discussões acaloradas, como as que ocorreram entre alguns grandes proprietários de terra e o Arcebispo metropolitano, Dom Avelar Brandão Vilela. O Arcebispo era um dos incentivadores dos sindicatos rurais no Piauí, e a sua tentativa, em grande

¹⁴² Sobre a visita da comitiva do Movimento de Rearmamento Moral ao Piauí, ver as seguintes reportagens: INTERESSE em torno da visita da Comitiva do rearmamento moral. O Dia, n.1457, p.1, 7 fev. 1965. COMITIVA de rearmamento moral visitou Teresina. O Dia, n. 1458, p.1, 8 fev. 1965. MENDES, Simplício de Sousa. Rearmamento moral. O Dia, n. 1458, p. 3, 8 fev. 1965.

¹⁴³ MENDES, Simplício de Sousa. Rearmamento moral. O Dia, n. 1458, p. 3, 8 fev. 1965.

¹⁴⁴ Para ver o início dessa movimentação dos proprietários, cf. Editorial de O Dia. EDITORIAL. Reforma Agrária. O Dia, n. 1.129, p. 4, 3 out. 1963.

¹⁴⁵ GUILHERME, Olímpio. Assembleia Legislativa. Folha da Manhã, n. 1.652, p.8, 15 nov. 1963.

medida, de tomar a frente na organização dos movimentos camponeses se deu com o intuito de que não houvesse adesão dos camponeses a outros líderes, em especial aos comunistas. As ações da Igreja Católica, vinculadas à figura de D. Avelar, começaram a chamar a atenção dos detentores de terra, e em 1963, foi encaminhado um pedido dos latifundiários a Dom Avelar Brandão Vilela para que a Igreja Católica do Piauí parasse com o apoio aos sindicatos rurais, pedido este que não foi atendido pelo Arcebispo.

A atuação da Igreja no campo teve seu fim quando, em 1964, foram presas todas as lideranças dos movimentos rurais, tanto os dirigentes das Ligas Camponesas no Estado quanto os líderes dos sindicatos promovidos pela Igreja Católica. Um desses líderes foi Emílio Burlamarqui, indicado por Dom Avelar para a organização dos sindicatos agrários no Piauí, segundo ele, “houve uma oposição, digamos, violenta, por parte dos proprietários”.¹⁴⁶

A atuação dos comunistas ainda é pouco conhecida no Estado, em razão da escassez de fontes; contudo, a prisão dos pouquíssimos comunistas que atuavam em âmbito local, logo após o golpe, causou um estardalhaço nas páginas dos noticiosos. Houve uma apresentação pública dos nomes dos comunistas presos, e os citados foram: Luís Genésio de França,¹⁴⁷ João Batista do Nascimento,¹⁴⁸ José Pereira de Sousa, conhecido como Ceará,¹⁴⁹ Honorato Gomes Martins (suplente de deputado estadual),¹⁵⁰ Deusdedith Mendes¹⁵¹ (deputado estadual pelo PTB), Esperidião Fernandes,¹⁵² Roberto Ribeiro Martins, Osvaldino Medina da Silva, Clovis Bezerra de Almeida,¹⁵³ Sargento Benoni Miranda,¹⁵⁴ Ulisses Alves dos Santos, Deolindo da Silva Júnior, José Luís Ribeiro Gonzales, José Sucupira Lima, José Ribamar Lopes, Paulo de Tarso Resende, Francisco de Sales Ribeiro, José Inaldo Godoy, Raimundo Nonato Lemos Rio, Samuel Dourado Guerra, Argemiro de Sousa Lima, Francisco Pereira Lima e Armando Soares Lima.¹⁵⁵

¹⁴⁶ OLIVEIRA, Manoel Emílio Burlamarqui de. Entrevista concedida à Maria do Amparo Alves de Carvalho. Teresina, 1998. Cf. ANEXO. In: CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meios às tensões entre Igreja Católica e o regime militar em Teresina. Dissertação (Mestrado) – UFPI, Teresina, 2006. 229p.

¹⁴⁷ ATO institucional: Piauí acelera inquéritos. O Dia, Teresina, n. 1.207, p. 1, 3 jun. 1964.

¹⁴⁸ OPERAÇÃO Limpeza em ação. O Dia, Teresina, n. 1.209, p. 1, 5 jun. 1964.

¹⁴⁹ DESBARATADO o partido comunista, secção do Piauí. O Dia, Teresina, n. 1.209, p. 1, 5 abr. 1964.

¹⁵⁰ Sobre Honorato, vários são os artigos que o chamam de líder comunista. Dentre eles, destacamos: DESBARATADO o partido comunista, secção do Piauí. O Dia, Teresina, n. 1.209, p. 1, 5 abr. 1964. MENDES, Simplício. Terreno Minado. O Dia, Teresina, n. 1.210, p. 3, 7 abr. 1964. AÇÃO Comunista. O Dia, n. 1.210, p. 8, 7 abr. 1964; MENDES, Simplício. Penosa viagem. O Dia, Teresina, n. 1.217, p. 3, 15 abr. 1964; MENDES, Simplício. Apresenta-se a revolução comunista. O Dia, Teresina, n. 1.220, p. 3, 19 abr. 1964; MENDES, Simplício. Os sindicatos. O Dia, Teresina, n. 1.224, p. 3, 25 abr. 1964.

¹⁵¹ DESBARATADO o partido comunista, secção do Piauí. O Dia, Teresina, n. 1.209, p. 1, 5 abr. 1964; Ação Comunista. O Dia, Teresina, n. 1.210, p. 8, 7 abr. 1964.

¹⁵² GUARNIÇÃO Federal de Teresina. Nota Oficial. O Dia, Teresina, n. 1.210, p. 8, 7 abr. 1964.

¹⁵³ Estes três foram citados na reportagem: REVOLUÇÃO Comunista estava por um fio. O Dia, Teresina, n. 1.212, p. 1, 9 abr. 1964.

¹⁵⁴ SEBASTIÃO Leal fala à imprensa sobre atividades de sua secretaria. O Dia, Teresina, n. 1.247, p. 1, 24 maio 1964.

¹⁵⁵ PROSSEGUEM diligências e prisões. O Dia, Teresina, n.1245, p.1, 22 maio 1964.

Dentre os nomes supracitados, os que tiveram maior visibilidade nas páginas dos jornais locais foram: Honorato Gomes, José Pereira de Sousa – o “Ceará”, Deusdedith Mendes e Esperidião Fernandes. Dois motivos os levaram a ser os mais indicados nas páginas do jornal *O Dia*. Primeiro, a insistência do professor e Presidente da Academia Piauiense de Letras, Simplício de Sousa Mendes, em relacionar o nome destes ao ex-governador *petebista* Chagas Rodrigues, responsável por uma tentativa de reforma agrária no Estado.

O segundo motivo se deve aos documentos encontrados no Comitê do Partido Comunista, localizado na Rua Santa Luzia, que associava aqueles indivíduos ao PC local. Para os jornais, a sede do PC no Piauí possuía duas finalidades: (1) local de armazenamento de material de propagação de ideias comunistas; (2) Comitê da Frente de Mobilização Popular. José Ceará era apresentado como secretário do partido no Piauí, e Honorato Gomes, além de ser suplente de deputado estadual pelo PTB, era responsável pelo prédio onde funcionava a sede do PC.

Todo o material encontrado nesse prédio serviu de justificativa para a prisão de José Ceará e Honorato e foi considerado prova da infiltração comunista no Estado. Parte do acervo, segundo o jornal *O Dia*, vinha da Rússia, e era composto por: revistas, jornais, folhetos, faixas, um quepe pertencente ao exército vermelho, uma bolsa para níquel de origem Russa, um prelo manual para a confecção de boletins de propaganda, e ainda uma quantidade razoável de cédulas de cem e duzentos cruzeiros com a esfinge de Lênin, a foice e o martelo.¹⁵⁶ O que mais chamava a atenção na reportagem era a divulgação de uma lista de nomes em um dos livros encontrado no comitê, referente aos que contribuíam com o jornal distribuído pela Frente de Mobilização Popular. Vejamos como o jornal noticia o fato:

Em um dos livros a reportagem encontrou a anotação de vários contribuintes de jornais que a Frente de Mobilização Popular que fazia distribuir em Teresina e no interior do estado, havendo bancas de distribuição nos bairros. Entre os numerosos contribuintes figuram: Armando Lima, Joaquim Pereira de Sousa, Raimundo Santos, Padre Carvalho, Samuel Dourado Guerra, José Alexandre, Pedro Marques Barbosa, Jesualdo Cavalcante Barros, Orgamar Monteiro Gonzalez (trabalha nos correios e foi locutor da Radio Clube), Paranaguá Neto, Bernardo Sampaio Pereira e Deusdedite Mendes Ribeiro (sic).¹⁵⁷

Muitos dos nomes citados, entre os quais o de Padre Carvalho, responsável pela organização da Juventude Operária Católica (JOC), e de Deusdedith Mendes, deputado estadual pelo PTB, ficaram na memória popular como envolvidos nas atuações comunistas do Piauí. Percebemos que essa era

¹⁵⁶ As cédulas foram, dentre o material encontrado, as que provocaram maior número de reportagens, sustentando que a infiltração comunista já estava pronta para promover a revolução no país, já que as cédulas com a esfinge de Lênin eram a prova cabal desta intenção.

¹⁵⁷ DESBARATADO o partido comunista, secção do Piauí. *O Dia*, Teresina, n. 1.209, p. 1, 5 abr. 1964; AÇÃO Comunista. *O Dia*, Teresina, n. 1.210, p. 8, 7 abr. 1964.

exatamente a intenção do jornal, pois os nomes citados não eram, assim como o de Honorato e José Ceará, associados diretamente ao comunismo, porém o fato de contribuírem com publicações distribuídas pela sede do PC, no Piauí, demonstrava a aproximação entre os comunistas e os referidos contribuintes.

O material "subversivo" dos comunistas, encontrado no Comitê do Partido Comunista, na Rua Santa Luzia, ficou exposto para a visitação pública durante alguns dias. E um ano mais tarde, no período das comemorações do primeiro aniversário da "Revolução de 1964", esse material foi associado a outros e exposto novamente.¹⁵⁸

Figura 2 - Clichê de fotos com o "material subversivo" apreendido pelo militares no Comitê do Partido Comunista em Teresina. MATERIAL Comunista



Fonte: *O Dia*, n. 1.210, p. 8, 7 abr. 1964.

Sobre as prisões de comunistas por aliciamento, em Teresina, no ano de 1969, Antônio Newton Vieira foi detido sob a acusação de estar "seduzindo" indivíduos para a sua ideologia:

A polícia conseguiu prender o indivíduo Antônio Newton Vieira que estava tentando aliciar o Sr. Antônio Juvêncio de Castro para ingressar no Partido Comunista do Brasil.

¹⁵⁸ Sobre a exposição do ano de 1965, cf. nota da Guarnição Federal: GUARNIÇÃO federal de Teresina. *O Dia*, Teresina, n.1493, p.1, 24 mar. 1965.

No seu trabalho de sedução ideológica, Antônio Newton afirmara para o Juvêncio que o seu ingresso no Partido Comunista "seria o maior passo que esse daria na vida". Afirmou na Polícia, que andava policiando elementos para o partido, a mandado de um Alberoni de Tal. Trancado no xadrez da central, o nôvo integrando do Partido Comunista será encaminhando ao DOPS, devendo a polícia proceder a inúmeras investigações, para desbaratar um possível existente em Teresina.¹⁵⁹

No que tange às práticas político-partidárias, podemos verificar que as prisões e cassações de mandatos, logo após o golpe civil-militar de 1964, estavam, de modo geral, relacionadas ao suposto envolvimento dos acusados com a propagação do comunismo no Estado do Piauí. As acusações que pesavam sobre os políticos vistos como "comunistas" eram as mais variadas: subversão da ordem, infiltração em órgãos públicos, aliciamento, e o próprio fato de serem comunistas, dentre tantos outros motivos. Em maio de 1964, durante três sessões consecutivas e extraordinárias, foram cassados, pela Assembleia Legislativa do Estado, os mandatos dos seguintes deputados e suplentes: Dep. Deusdedith Mendes Ribeiro (PTB), Dep. Temístocles de Sampaio Pereira (PTB), Dep. José Alexandre Caldas Rodrigues (irmão do ex-governador Chagas Rodrigues - PTB) e o Dep. Celso Barros Coelho (PDC). Os suplentes foram: Honorato Gomes Martins (que já havia sido preso como comunista - PTB), Antônio Ubiratan de Carvalho (PTB) e José Francisco Paes Landim (UDN).¹⁶⁰

Ainda sobre as cassações, um caso ficou bastante conhecido na imprensa piauiense. Acusado de subversão, o vereador Jesualdo Cavalcanti Barros (PTB) era um ex-líder estudantil, que teve seu mandato cassado pelos colegas de Câmara. O motivo de sua cassação oficialmente se dava pelo fato de: "estar envolvido com movimento de caráter subversivo que visava à queda do regime democrático", como consta no ofício da Guarnição Federal, expedido para a Câmara Municipal de Teresina, recebido e assinado pelo presidente, Dr. Raimundo Wall Ferraz, nesses termos:

Teresina, Pi Em 09/ abr./64

Do Cel. Cmt. Gu. Fed. Teresina.

Ao Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Teresina

Assunto: participação de vereador em atividade subversiva (comunica) (sic)

1. Levo ao conhecimento de V. Exa. que o vereador JESUALDO CAVALCANTE DE BARROS foi preso por ordem deste comando de guarnição, em virtude de estar comprometido com movimento de caráter subversivo que visava a queda do regime democrático.
2. Aproveito o ensejo para apresentar a V. Exa. Os protestos de estima e elevada consideração

¹⁵⁹ PRESO em Teresina aliciador comunista. O Dia, Teresina, n. 2.806, p. 7, 6 nov. 1969.

¹⁶⁰ ASSEMBLEIA Legislativa cassa mandatos de deputados e suplentes. O Dia, Teresina, n.1234, p. 1, 9 maio 1964.

As. FRANCISCO MASCARENHAS FAÇANHA
Cel. Cmt. Gu. Fed. Teresina.¹⁶¹

O nome subversivo, à época, era sinônimo de comunismo, conforme observaremos no caso do vereador Jesualdo Cavalcanti. As acusações contra o vereador foram construídas com base em sua militância estudantil na Faculdade de Direito, e por ser um político apoiador das Reformas de Base, propostas pelo Presidente da República João Goulart, que era do mesmo partido do vereador. Porém, Jesualdo não foi visto como subversivo apenas pelo regime que acabara de se instalar. Também os companheiros de Câmara, em manifestações durante a cassação, reafirmaram o envolvimento do jovem político com ações subversivas. Como podemos observar no discurso do Sr. Rodrigues Filho, transcrito da Ata da Câmara Municipal de Teresina, de 11 de abril de 1964, a seguir:

Disse que cumprindo com sua obrigação atendeu a convocação do Presidente para esta sessão extraordinária, sabendo que na mesma seria tratado assunto de grande importância a qual deu logo a aquiescência. Disse ser desagradável para todos os vereadores, tratarem de uma sessão para cassação de mandato de um colega que durante um ano trabalhou ao lado do povo piauiense. Mas diante das informações do Comando da Guarnição Federal, não poderia deixar de se manifestar a respeito por achar que o momento não é de omissão e sim de decisão. Todos os vereadores têm que opinar se estão ao lado do **comunismo** ou da Democracia e sua campanha pautou baseada no lema “trabalharei até a última hora contra o **comunismo**”. Lamentou a inteligência moça do vereador Jesualdo Cavalcante, que poderia ir bem longe em sua carreira política se não tivesse enveredado o seu caminho. Esse legislativo agindo desta natureza nada mais esta fazendo do que cumprir com a sua obrigação tendo em vista artigo da Lei Orgânica dos municípios. Finalizando, declarou seu voto favorável à cassação embora lamentando que tamanha inteligência fôsse usada para o **mal**(grifo nosso).¹⁶²

O vereador Jesualdo Cavalcante havia sido preso, segundo constava no próprio ofício enviado pelo comandante da Guarnição Federal, Cel. Mascarenhas, por estar envolvido com movimentos de caráter subversivo. Deste modo, por que seu colega, o vereador Rodrigues Filho, justificaria seu voto, alegando que os vereadores deveriam escolher ficar do lado da democracia ou do lado do comunismo? A resposta só confirma a nossa análise; ou seja, por mais que o acusado de atos subversivos não fosse um comunista ou não tivesse sido preso por ser comunista, a sociedade teresinense, por meio de seus legítimos representantes, o acusava de ser comunista; desta forma, aprovava o ato que cassava o mandato de Jesualdo Cavalcanti. Nossa afirmação se justifica na leitura da nota publicada no jornal *O Dia*, datado de 12 de abril de 1964. Nela, está explicitada a razão da prisão: o vereador era comunista.

¹⁶¹ OFÍCIO da Guarnição Federal de Teresina à Câmara Municipal de Teresina, referente ao pedido de cassação do mandato de Jesualdo Cavalcanti Barros. Teresina, 09 de abril de 1964, foi cedido pelo Dr. Jesualdo Cavalcanti à pesquisadora.

¹⁶² ATA da Câmara Municipal de Teresina, referente à Cassação do mandato do vereador Jesualdo Cavalcanti Barros. Teresina, 11 de abril de 1964. Cópia do documento cedido pelo Dr. Jesualdo Cavalcanti à pesquisadora.

Porém, nem todos os vereadores presentes votaram a favor da cassação de Jesualdo Cavalcanti, muito menos, entraram no mérito da questão subversivo/comunista. Paulo Rubens, líder da bancada do PTB, considerava que sobre os seus ombros pesava grande responsabilidade pelo fato de pertencer ao mesmo partido do mencionado vereador. Justificou-se da seguinte maneira:

Devo dizer a Vossas excelências que acato as decisões dos comandos militares responsáveis pela preservação do Regime Democrático e da Ordem Pública. Considero que com a vigência do ato Institucional está ressaltando a responsabilidade desta casa para cassação do mandato do vereador Jesualdo. Propuz-me a votar o impedimento, de que Vossas Excelências são testemunhas. Tenham Vossas Excelências em vista a cassação dos mandatos de vários Deputados Federais, que não dependeram do pronunciamento [do] Congresso; as autoridades Militares, como ficou patente, têm autoridade para fazê-lo. **Abstenho-me** de votar resguardando-me o direito de respeitar, contudo, as decisões dos Comandos Militares. Esta decisão que agora tomo, o faço, em respeito, mesmo, ao ato institucional, ressaltando a minha responsabilidade quanto a iniciativa de cassação do mandato do vereador. Trago a consciência tranquila. Nada existe que desabone a minha conduta (grifo nosso).¹⁶³

O vereador acreditava que não era de competência da Câmara de Vereadores promover a cassação do mandato de Jesualdo. Para justificar essa afirmação, refletia que vários deputados federais foram cassados sem que dependessem do pronunciamento do Congresso. Assim, Paulo Rubens se absteve, mas afirmou que não desrespeitaria os Comandos Militares e acataria a decisão da maioria.

Sua decisão era difícil, caso se colocasse como opositor ao “regime democrático” e votasse contra a cassação do mandato do colega, estaria por tomar uma decisão perigosa naquele momento, porque, nos discursos proferidos pelos outros vereadores, Jesualdo era visto como comunista. Logo, Paulo Rubens corria o risco de ser confundido como um defensor de ações comunistas. Por outro lado, se votasse a favor da cassação, o vereador poderia se prejudicar perante a sociedade que o escolheu, pois sendo do mesmo partido de Jesualdo demonstraria vulnerabilidade com relação às decisões políticas, como também poderia ser visto de maneira negativa pelos outros membros do PTB.

De todo modo, a atitude do vereador Paulo Rubens, ao tentar se eximir da cassação do companheiro de partido, provocou uma interpretação equivocada nas páginas do jornal *O Dia*. Esse Jornal, noticiando a resolução da cassação do mandato, acrescentou, no final do artigo, que Paulo Rubens foi o único vereador dentre os presentes que se posicionou contra a cassação.¹⁶⁴ Ao perceber a gravidade dessa notícia para aquele político, o presidente da Câmara Municipal de Teresina, Raimundo Wall Ferraz, solicitou ao jornal a publicação da abstenção do voto, o que foi realizado nos seguintes termos: “Atendendo a solicitação que nos foi feita pelo Presidente da Câmara Municipal de Teresina, publicamos a seguir o

¹⁶³ ATA da Câmara Municipal de Teresina, referente à Cassação do mandato do vereador Jesualdo Cavalcanti Barros. Teresina, 11 de abril de 1964. Cópia do documento, em anexo, cedido pelo Dr. Jesualdo Cavalcanti à pesquisadora.

¹⁶⁴ CASSADO o mandato do vereador Jesualdo Cavalcanti. *O Dia*, Teresina, n. 1.215, p. 1, 12 abr. 1964.

voto do vereador Paulo Rubens quando da cassação do ex-vereador Jesualdo Cavalcante. O registro na ata dos trabalhos, temos o seguinte teor: [...]” (sic).¹⁶⁵ Por conta da intervenção de Wall Ferraz, o pronunciamento do vereador Paulo Rubens foi transcrito conforme estava na Ata da Câmara; discurso este que já foi citado no texto, e que, de certa forma, demonstrava à população o respeito daquele vereador pelas atitudes tomadas pelos comandos militares.

Em livro de memórias, o vereador cassado, Jesualdo Cavalcanti, relatou algumas práticas do regime instalado, tais como: prisões, humilhações públicas e torturas psicológicas. Em seu relato, o *ex-petebista*, lembrou do ato de sua prisão e dos dias nas celas da Delegacia:

Nessa mesma tarde [04 de abril de 1964] encaminharam-se para a Dops, onde pernoitei. [...]. À tarde do dia 05, protagonizaria o primeiro espetáculo de truculência da nova ordem: seria levado para o 25º Batalhão de Caçadores na carroceria de um caminhão aberto, sob forte escolta militar, armada de fuzis e metralhadoras. O caminhão, ao atravessar a diagonal da Praça Pedro II, diminuiu a marcha, de modo que as pessoas que formavam longas filas para o cinema das 15 horas pudessem contemplar a cena. E havia muita gente, pois era domingo.¹⁶⁶

Sobre as torturas psicológicas, continua:

Mas não me livre da pressão psicológica e das ameaças que faziam (soldados? capitães?), gritando do lado de fora: - "hoje à noite nós vamos ajustar nossas contas. E será no rio Poti!". [...] Não demoraria a juntar-me aos demais presos. Não obstante o crescente número de estudantes, trabalhadores e intelectuais que se amontoavam nos quartéis do 25º BC e do 2º BEC, o capitão não se dava por satisfeito e dizia: - "Hoje são vocês, logo virão Petrônio e dom Avelar!".¹⁶⁷

Remetendo-nos ainda às prisões dos comunistas e supostos comunistas, os jornais locais também divulgaram com grande repercussão a prisão de estudantes piauienses no famoso congresso da UNE, na cidade de Ibiúna, em 1968.¹⁶⁸ Segundo o jornal, teriam sido presos três estudantes piauienses, entretanto, não conseguimos identificar dois deles; o único que temos a confirmação de sua prisão foi do estudante, Antônio José Castelo Branco Medeiros. Em uma entrevista realizada em 1997, Antônio José falou acerca de suas várias prisões, e a dificuldade de conseguir trabalho, após a libertação, pelo fato de ser associado ao comunismo. Em um diálogo que travou com o ex-Arcebispo metropolitano, Dom José Freire Falcão, Antônio José demonstrou como ocorria a rejeição sofrida pelos comunistas, ou supostos comunistas. Ao ser convidado para fazer análises de conjuntura nas reuniões promovidas pela Comissão Pastoral da Terra

¹⁶⁵ VOTO do vereador Paulo Rubens na cassação de Jesualdo Cavalcante. O Dia, Teresina, n. 1.217, p. 6, 15 abr. 1964.

¹⁶⁶ BARROS, Jesualdo Cavalcanti. Tempo de contar(o que vi e vivi nos idos de 1964). Teresina: Gráfica do Povo, 2006. p.187.

¹⁶⁷ Ibid., p.188.

¹⁶⁸ ESTUDANTES piauienses presos no congresso. O Dia, Teresina, n.2559, p.1, 17 out. 1968.

(CPT), movimento organizado pela Igreja Católica, já na década de 1970, Antônio José recebeu a seguinte notícia:

Fala da organizadora do CPT:] Antônio José nós estamos com um problema muito sério, Dom José Falcão¹⁶⁹ proibiu de te chamar para assessor. [Antônio José responde] Mas por quê? Pois eu vou lá conversar com ele. Aí foi engraçado porque eu cheguei e disse: Dom José, eu soube que o senhor está fazendo restrições a eu assessorar os encontros da CPT. Eu gostaria de saber por quê. O que o senhor tem contra mim? Sem arroteio, ele disse: Porque o senhor é comunista.¹⁷⁰

Antônio José, em momento algum se reconhece comunista; segundo ele, suas atividades estavam ligadas a chamada esquerda católica. Mas entendemos que o tratamento dado aos comunistas era o mesmo aos que eram classificados como comunistas. Foi nesse depoimento de Antônio José Medeiros que encontramos o único caso relatado abertamente sobre tortura física a presos políticos no Piauí. Segundo recorda, Osvaldo Rocha, conhecido como César, veio a Teresina articular um movimento de luta armada e foi preso: "O César foi torturado [...] apanhou de palmatória nos pés e nas mãos".¹⁷¹ Nos poucos relatos do período ao qual tivemos acesso, apenas as torturas físicas à César foram lembradas, os outros registros apontavam que os demais presos piauienses sofreram torturas psicológicas, como acrescenta Antônio José: "Uma vez ao ser interrogado estava um chicote de fio e uma palmatória em cima da mesa. À época, o Sebastião Leal era o secretário de Segurança [...] mas não foi feita nenhuma menção, era mais um negócio simbólico para intimidar".¹⁷²

Com base nesses relatos, questiona-se: por que apenas Osvaldo Rocha/César sofreu torturas físicas, e os supostos comunistas piauienses não? Acreditamos que Teresina, na década de 1960, ainda era uma cidade muito pequena, e culturalmente reforçada pelas relações de proximidade entre as famílias. O próprio Antônio José Medeiros foi solto pelos arranjos de um parente, que era político. Nesse sentido, podemos tentar mensurar a repercussão que teria uma notícia de prática de violência policial contra jovens filhos da elite, em uma cidade pequena, como era capital do Piauí; tal ação poderia, inclusive, desqualificar o "Movimento Revolucionário de 1964". Dessa forma, a tortura física foi praticada de forma mais latente aos presos que eram de outros Estados.

A amenização de ações mais enérgicas com os comunistas e supostos comunistas piauiense também se deve muito à atuação de membros progressistas da Igreja Católica. Em entrevista concedida

¹⁶⁹ Arcebispo de Teresina, logo após a saída de Dom Avelar Brandão Vilela, em 1971.

¹⁷⁰ MEDEIROS, Antônio José Castelo Branco. Entrevista concedida à Maria do Amparo Alves de Carvalho. Teresina, 1997. Cf: ANEXO. In: CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meios às tensões entre Igreja Católica e o regime militar em Teresina. Dissertação (Mestrado) – UFPI, Teresina, 2006. 229p.

¹⁷¹ Id. *ibid.*

¹⁷² Id. *ibid.*

no ano de 1998, o padre Raimundo José Airemoraes¹⁷³ relata que, quando era reitor da Faculdade de Filosofia (FAFI), o próprio Secretário de Segurança, Sebastião Leal, foi procurá-lo para exigir a expulsão de Antônio José Medeiros daquela instituição, contudo, o ato não foi executado pelo sacerdote.¹⁷⁴ Mesmo se colocando, na instituição que administrava, contrário as ações do regime, padre Raimundo José não conseguiu evitar a prisão de seu próprio irmão, Diogo José Airemoraes, durante uma aula, pois este era professor da Faculdade de Filosofia, na década de 1960.¹⁷⁵ O episódio da prisão de Diogo é narrado pela estudante, à época, Ana Maria Pires Lopes da Silva:¹⁷⁶

Um certo dia, nós estávamos assistindo aula... quando chegou uma pessoa, ficou na porta da nossa sala e disse: “Não pode sair ninguém daqui, fica todo mundo dentro da sala”. E ficamos sem saber o que estava acontecendo, na sala ao lado, minha irmã também estudava lá, estudava um ano adiantado de mim. Minha irmã mais velha. Ela estava assistindo aula do Professor que é irmão do padre [Raimundo] José é... é professor, não tô lembrada do nome, [o nome do professor é Diogo Airemoraes] como eu estava dizendo, na sala ao lado estava dando aula o professor irmão do padre Raimundo José e era professor da minha irmã. Então, Agentes da Polícia Federal, isso nós só fomos saber depois, Agentes da Polícia Federal entraram na sala, prenderam o professor e uma aluna também, depois que nós viemos saber, eles fazia parte do *Movimento Comunista*¹⁷⁷ (grifo nosso).

Outra prática que classificamos como controle social, e que se justificava pelo cerceamento aos comunistas no Piauí, foi a solicitação constante para que pessoas prestassem depoimentos nas delegacias. Vários indivíduos eram “convidados” a dar “esclarecimentos” como meio de intimidação, contudo, essa prática visava, no entendimento dos agentes da Polícia de Ordem Social, refrear ações subversivas que eram muito próximas das práticas comunistas. Uma das pessoas “convidada” a depor no DOPS foi a educadora do Movimento de Educação de Base (MEB)¹⁷⁸ Palmira Luiza de Sousa.¹⁷⁹ Segundo esta educadora:

Aqui nós, de fato, sofremos pressões, nossa programação de rádio era toda acompanhada, toda gravada, tinha gente mesmo gravando, fomos chamados várias vezes a responder por essa programação, eu mesma, que fazia a programação tive que comparecer duas vezes no DOPS, duas vezes no 25º BC, a última vez que eu estive lá respondi a um interrogatório.¹⁸⁰

¹⁷³ Padre Raimundo José Airemoraes foi reitor da Faculdade de Filosofia no Piauí, durante a ditadura militar.

¹⁷⁴ SOARES, Pe. Raimundo José Airemoraes. Entrevista concedida à Maria do Amparo Alves de Carvalho. Teresina, 1998. Cf. ANEXO. In: CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meios às tensões entre Igreja Católica e o regime militar em Teresina. Dissertação (Mestrado) – UFPI, Teresina, 2006. 229p.

¹⁷⁵ Id. *ibid.*

¹⁷⁶ Ana Maria viveu a década de 1960 em Teresina. Foi aluna do Instituto de Educação Antonino Freire, colégio em que Diogo Airemoraes ministrava aulas, e trabalhou como discotecária na Rádio Pioneira.

¹⁷⁷ SILVA, Ana Maria Pires Lopes da. Entrevista concedida à Francisco Alcides do Nascimento. Teresina, 2002.

¹⁷⁸ Era um movimento, promovido pela Igreja Católica, que visava à educação dos trabalhadores rurais. Com uma metodologia apoiada no dia a dia desses trabalhadores; utilizava o rádio como meio educativo e propagador das aulas.

¹⁷⁹ Palmira Luiza de Sousa foi educadora do MEB entre os anos de 1962 e 1973. Atualmente é professora aposentada da Universidade Federal do Piauí.

Segundo Palmira Luiza Sousa, além de vários outros membros do MEB serem chamados para interrogatório, alguns foram presos, como Cleber do Rego Monteiro.¹⁸¹ Assim como tantas outras pessoas, Palmira Sousa afirmou ter sido julgada pelos militares como comunista. Da mesma forma que Antônio José Medeiros, Palmira não se reconhecia como tal, entretanto, em suas lembranças, teve tratamento semelhante ao que era dado aos que seguiam o comunismo enquanto doutrina. Percebemos que a classificação a um indivíduo, ou as suas atividades, como comunista era atribuída pelos agentes da repressão, - mas também pela sociedade piauiense - que, segundo Palmira Sousa, espionava em todos os ambientes:

na Faculdade FAFI tinha espões para todo lado, a gente não sabia, e olhe, depois um dia me disseram, e eu fiquei seriamente preocupada, tinha uma pessoa que se dava comigo, me convidava pra eu sair com ela, até fui almoçar com ela, essa pessoa foi colocada pra me espionar, então essa pessoa tinha como objetivo me ouvir pra levar o que eu falava pra eles [...] Então teve dessas coisas, coisas terríveis mesmo, colega nosso, um que é meu compadre lá de dentro do MEB, [...] um senhor me disse: Olha Palmira não sei como Dom Avelar colocou fulano lá dentro do MEB, você pode ficar certa que o material que vocês trabalham, cartazes, livros, todos os tipos de divulgação, textos de estudo, tá tudo lá no Exército, então eu disse pra ele que eu não acreditava. Quando o negócio engrossou mesmo, que começaram a nos pressionar, eu estava preparando uma programação, quando ele chegou lá, eu disse: olha, compadre, me disseram isso, você leva nosso material pra lá, que você é um elo de ligação (sic) entre o Exército e nós do MEB. Eu não acreditei, mas aí quando ele falou, você sabe assim o movimento facial da pessoa, parece que ele se tocou com o que eu disse e os músculos do rosto dele parece que caíram.¹⁸²

Os trabalhos do MEB foram insistentemente fiscalizados e vigiados, como lembrou mais uma de suas educadoras, a professora Maria do Carmo Alves Bomfim:¹⁸³ “[...] no auge da Ditadura Militar, quer dizer, no início de 1964 e 1968, houve perseguição, pessoas que foram presas, do MEB que foram presas, pessoas que eram fiscalizadas dia-a-dia e indiciadas em inquérito”.¹⁸⁴

Espalhava-se um clima de intranquilidade entre os cidadãos que militavam em movimentos sociais ou siglas partidárias, uma vez que qualquer atitude diferente poderia ser considerada suspeita e classificada como comunista. Essa era uma prática que, principalmente, partia do Exército, pois, a manutenção da ordem e o sucesso da “Revolução de 1964” dependiam da intensa fiscalização do outro, já que os comunistas se encontravam em todos os lugares, cabendo ao “cidadão de bem” denunciá-los:

¹⁸⁰ SOUSA, Palmira Luiza. Entrevista concedida à Maria do Amparo Alves de Carvalho. Teresina, 1997. Cf. ANEXO. In: CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meios às tensões entre Igreja Católica e o regime militar em Teresina. Dissertação (Mestrado) – UFPI, Teresina, 2006. 229p.

¹⁸¹ Id. *ibid.*

¹⁸² Id. *ibid.*

¹⁸³ Foi Educadora do MEB, hoje é professora Doutora do Centro de Ciências da Educação da UFPI.

¹⁸⁴ BOMFIM, Maria do Carmo Alves. Entrevista concedida à Luciana de Lima Pereira e José Maria Vieira de Andrade. Teresina, 2003.

Guarnição Federal de Teresina

____ Nota ____

O Comando da Guarnição Federal de Teresina solicita aos Srs. Chefes de Repartições Federais, Autárquicas, Paraestatais, Estaduais e Municipais, para no prazo de 48 horas informarem a essa Guarnição, da existência ou não de Funcionários comprometidos com o movimento subversivo, a fim de quê este comando possa tomar as devidas providências, tendo em vista os artigos 7º e 10º do Ato Institucional.

Quartel em Teresina, 21 de maio de 1964.

Francisco Mascarenhas Façanha

Coronel Cmt da Guarnição Federal de Teresina.¹⁸⁵

Essa nota da Guarnição Federal nos remete a um aspecto interessante, o afastamento, ou mesmo a expulsão de serviços públicos pelo fato de ser comunista. No Piauí, ocorreram vários casos, como, por exemplo, o Sargento Benoni Miranda, que foi exonerado da Polícia Militar do Estado, devido a sua prisão como comunista.¹⁸⁶ Além das solicitações de afastamentos dos cargos públicos, o Exército prestava contas publicamente de suas ações contra os comunistas nos jornais locais, muitas vezes, relatavam que continuavam a procurar por pessoas com "ligações políticas de caráter subversivo com ideologia extremista",¹⁸⁷ nas diversas cidades do Estado do Piauí.

A corrida contra os comunistas no Piauí foi lançada pelo Capitão do Exército Astrogildo Sampaio. Segundo a memória de alguns entrevistados, este militar assumiu um projeto de "caça às bruxas" aos comunistas piauienses, sendo, portanto, um dos maiores responsáveis pelo clima de "marcathismo" no Estado. Sampaio teria perseguido várias personalidades locais, em sua grande maioria religiosos, como lembra o comunista Marcos Igreja:

Um militar capitão da polícia, formado de qualquer jeito, [...] mas como eles mesmo dizem na caserna, feito nas coxas, sem nenhum preparo, [era o] Astrogildo Sampaio, [...] ele se notabilizou primeiro como prendedor de magarefe e talhador de carne, na periferia da cidade, [...] no governo Castello Branco tinha a tabela de preço, então, ele começou a prender magarefe e sair nos jornais da cidade, então, ficou famoso, como ele ficou famoso prendendo magarefe acharam por bem botar ele, colocá-lo como diretor do DOPS, Departamento de Ordem Política e Social, então, ele era Marcathista, todo mundo que ele via: comunismo, comunismo, comunismo, e ele foi quem criou esse clima, tá? E, andou prendendo quem devia ser preso e quem não devia ser preso, aí ele perseguia os padres que davam apoio ao movimento. E foi ao Dom Avelar pedir a cabeça do padre José, Antônio José, para prender, - ele era ousado, - do padre Carvalho, do Diogo, acho que eram só esses três mesmo, tinha outro aí, parece que o padre Juvenal um italiano que estava na vila, e o Dom Avelar, segundo nós sabemos, tirou o anel de arcebispo, e entregou para

¹⁸⁵ GUARNIÇÃO Federal de Teresina. Nota oficial. O Dia, Teresina, n.1245, p.1, 22 maio 1964.

¹⁸⁶ SEBASTIÃO Leal fala à imprensa sobre atividades de sua secretaria. O Dia, Teresina, n.1247, p.1, Teresina, 24 maio 1964.

¹⁸⁷ OPERAÇÃO Limpeza últimas notícias. O Dia, Teresina, n.1247, p.8, 24 maio 1964.

ele [e disse]: Capitão, então, me prenda também. E ele ficou com vergonha, pediu desculpa e foi embora. Mas não era comunista, Dom Avelar.¹⁸⁸

Mas não foram apenas as prisões nem as cassações que compuseram as práticas políticas anticomunistas; um dos aspectos mais interessantes desse período da história piauiense foram os boatos sobre os acontecimentos políticos e sobre os indivíduos relacionados ao comunismo. Muitos foram presos, interrogados e acusados de fato, mas a grande maioria das pessoas foi presa, prestou depoimento e tornou-se comunista, graças aos boatos e mexericos dos piauienses.

Logo, questiona-se: – E os boatos podem fazer parte das práticas anticomunistas? Acreditamos que sim, uma vez que se instituem como uma possibilidade de dada sociedade ver determinados acontecimentos e acreditar neles como parte de sua realidade. Não à toa que boa parte dos “comunistas” que permaneceram na memória da população não se considerava comunista de fato na década de 1960. Por causa desses boatos de prisões e rumores de cassação de mandatos, muitas notícias, depois do golpe de 1964, foram publicadas nos jornais, desmentindo esses mal-entendidos. Um caso interessante foi o do radialista e vereador Álvaro Lebre, mas conhecido como Al Lebre, narrado pelo jornal *O Dia*, de 4 de abril de 1964:

Dia 02 amanheceu chovendo em Teresina. O Al Lebre, por isso não fez o seu tradicional VAMOS ACORDAR. E nem compareceu à emissora, de cuja porta principal tinha a chave, pelo que só lá para as 8 horas a Difusora entrou no ar. Resultado: muita gente pensou, admitiu e acreditou que o Lebre tinha sido prêso por suas tendências esquerdistas.

Lá para as 9 horas aparece o Lebre lampeiro, fagueiro, satisfeito com a vitória das Fôrças Armadas, e, ao saber dos boatos de sua prisão, foi dizendo:

- Eu, hem? Sou democrata convicto, lacerdista, a serviço das boas causas.

[...]

Bem, o Lebre fez isso mesmo e é lacerdista. Mas por medida de precaução, durante as horas mais agudas da crise teve o cuidado de deixar em casa o distintivo lacerdista que passara a usar a partir de quando voltou do Rio¹⁸⁹ (grifo do autor).

O interessante dessa narrativa é que houve todo um rumor popular que especulou sobre a prisão de Al Lebre por suas tendências “esquerdistas”, mesmo quando o próprio radialista andava pelas ruas da capital piauiense com o distintivo de Carlos Lacerda em seu peito, um dos políticos apoiadores do golpe. A historinha de Al Lebre serve para ilustrar como os rumores e boatos sobre as posições políticas eram assuntos constantes entre os teresinenses pelo menos no ano de 1964.

O jornal *O Dia* fez questão de relatar vários desses episódios interessantes. Um jornalista escreveu que, em sua ida ao barbeiro, comentava-se sobre os acontecimentos políticos de abril de 1964, e que, durante o bate-papo, os frequentadores daquele ambiente se lembravam de outros episódios

¹⁸⁸ IGREJA, Marcos de Paiva. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento e Marylu Alves de Oliveira. Teresina, NHOIDB, 2005. 56p.

¹⁸⁹ CERTO e ErRádio, pela equipe de *O Dia*. *O Dia*, Teresina, n.1.208, p.2, 4 abr. 1964.

revolucionários, até quando o narrador aponta para a figura de um personagem, que nos leva a crer que fosse um comunista, pela referência a sua barba. Segundo o jornalista, o diálogo se deu da seguinte forma:

Contava-se isso na barbearia, quando foi entrando um cidadão dêsses que andam sempre no mundo da lua e gostam muito pouco de fazer a barba. Indagaram:

– Dr. João, você está do lado de quem?

E êle:

– Quem foi que ganhou?¹⁹⁰

Enfatize-se aqui mais uma referência ao comunismo, ou melhor, aos comunistas, como oportunistas, uma vez que o Dr. João esperava o desenrolar dos acontecimentos políticos para se posicionar. E o que o Dr. João estaria fazendo em uma barbearia, já que era um daqueles que “gostam muito pouco de fazer a barba”? Sabe-se que a barba, principalmente na década de 1960, teve uma associação profunda com o comunismo, o próprio governador do Estado entre 1958-1962, Chagas Rodrigues que apoiou a Reforma Agrária, ganhou a alcunha de bem-barbado e comunista. Apesar de se tratar de um momento sério na política brasileira; como podemos perceber, esses rumores acabavam se tornando piada, nas páginas dos jornais locais, como aconteceu com o próprio João Goulart. Acusado de facilitar a infiltração comunista no País, sua deposição foi lembrada, em forma de chacota, por outro motivo:

Notícias procedentes do local (incerto) onde se encontra o ex-presidente Jango, dão conta de que êle teria confidenciado aos mais íntimos:

- Pensando bem, minha derrota começou no Piauí. Eu nunca deveria ter ido inaugurar em Teresina uma ÁGUA que não existia. Resultado: o clamor dos teresinenses juntou-se ao clamor dos demais brasileiros e acabei entrando PELO CANO¹⁹¹ (grifos do autor).

De modo irônico, não se creditava o movimento contrário a Jango no Piauí à causa do comunismo, mas sim ao fato de o presidente ter inaugurado um sistema de abastecimento de água que nunca havia funcionado; dessa forma, o jornal explicava a adesão dos piauienses ao golpe. Mas a piada foi interpretada por muitos como sendo verdade, como sugere a cronista: “Vocês querem saber de uma coisa muito engraçada? Tem gente acreditando piamente naquela história que foi contada aqui, pelo jornal O Dia, sôbre a derrota de Goulart. Isto é, aquela *bagle* feita na seção PELO CANO, de domingo passado, em que se registrou um *pseudo* pronunciamento do ex-presidente da República [...]”¹⁹²

Se alguns boatos eram muito parecidos com piadas, outros, mesmo parecendo piada, provocaram verdadeira preocupação entre os piauienses. Esses boatos versavam sobre os planos de implantação do

¹⁹⁰ CADEIRA do barbeiro. O Dia, Teresina, n.1.208, p.4, 4 abr. 1964.

¹⁹¹ PELO CANO. O Dia, Teresina, n. 1.209, p.8, 5 abr. 1964.

¹⁹² PAULA, Ana. Dizendo o que penso. O Dia, Teresina, n.1.213, p.7, 10 abr. 1964.

comunismo no Estado. Existiam os mais variados rumores: desde as listas dos que iam aos Paredões da morte até a mudança de costume e hábitos entre os indivíduos após a implantação do regime comunista, como sugere o trecho:

Tôda esta introdução é para apresentar um assunto que ouvi e que acredito que seja piada. Verdade é que não pode ser:

- Trata-se do movimento comunista fracassado em hora que os anjos se inclinavam, benévolos, para a terra de Santa Cruz; e consta que as nações do bloco soviético, financiavam em conjunto, a comunização do país. A Rússia, na partilha do bolo, ficaria com São Paulo, a China, com a Guanabara; o pobre Piauí caberia ao barbudo.

Mudar-se-iam os costumes, as tradições, as bandeiras, a moeda. O nosso herói seria Lênin. Sua effígie estaria nas cédulas, a fim de que todo mundo conhecesse um dos fundadores e o maior benfeitor dos brasileiros! A língua naturalmente substituída seria. E eu que tanto gosto da língua espanhola, se não sucumbisse no PAREDON, teria de odiá-la [...].¹⁹³

Por conseguinte, os boatos eram tantos que o Comandante da Guarnição Federal no Piauí, Coronel Francisco Mascarenhas Façanha, fez um apelo à população de Teresina e do Estado: “O Comandante da Guarnição Federal, apela para que o povo de Teresina e do Estado colabore, evitando a propagação de boatos que, longe de ajudar as autoridades têm ainda efeitos negativos e alarmantes”.¹⁹⁴

O surgimento e propagação desses boatos geravam, em certo sentido, uma apreensão popular, uma vez que qualquer pessoa poderia ser associada ou confundida com os comunistas. Sobre esse medo generalizado da população outra piada foi contada no jornal *O Dia*: “Adoeceu uma pessoa na residência do soldado, que, aflito, saiu atrás do médico. Bateu à porta do Dr. B. A. (Não é “boa ação” de bandeirantes). Êle, ao ver o soldado, sem mais nem menos foi dizendo: – Mas eu não fiz nada!”.¹⁹⁵ Essa nota ajuda a compreender como as pessoas se sentiam ameaçadas, pois a qualquer momento poderiam ser presas, sem mesmo terem envolvimento com os ditos “subversivos”.

Tendo-se em vista que a associação com o comunismo era um risco, boa parte da população começou a exercer práticas de exclusão dos que já haviam sido presos, como refletiu, em entrevista, a senhora Ana Maria Pires Lopes da Silva: “Eu tinha o maior medo de ser igual a ela [amiga de sua irmã que foi presa], porque eu tinha medo de ser presa, porque quem era preso era bandido, porque meu pai era da Polícia e tinha esse conceito, “só está na grade quem é bandido”, e eu tinha muito medo de ser bandida; então, eu seguia outra trilha, porque tinha medo de ser presa”.¹⁹⁶

¹⁹³ LEITE, Cristina. Gente patriota. *O Dia*, Teresina, n.1.216, p.7, 14 abr. 1964.

¹⁹⁴ COMANDO da Guarnição Federal. *O Dia*, Teresina, n.1.211, p.8, 8 abr. 1964.

¹⁹⁵ PELO CANO. *O Dia*, Teresina, n.1.247, p.4, 24 maio 1964.

¹⁹⁶ SILVA, Ana Maria Pires Lopes da. Entrevista concedida à Francisco Alcides do Nascimento. Teresina, 2002.

Para além das perseguições oficiais, a rejeição social levou muitos dos que tinham a fama ou eram comunistas a serem excluídos do convívio dos grupos sociais aos quais antes faziam parte, como lembra o comunista Marcos Igreja: “eu perdi muitos amigos, as mães e os pais proibiam meus amigos de andar comigo, de sair comigo, porque eu era comunista”.¹⁹⁷ E muitos foram embora por causa da discriminação “[...] eu fui embora daqui porque me senti muito discriminado, pô! Pra todo lugar que eu ia era comunista, até os times que eu jogava bola, eu gostava de jogar, ficavam...Ninguém sabia o que era comunista, só sabia que era uma coisa muito ruim”.¹⁹⁸

O medo fez com que muitos passassem a se mostrar totalmente favoráveis ao movimento instalado em 1964. O simples fato de ser acusado de compactuar com o comunismo fez com muitos piauienses tomassem atitudes radicais como a denunciação e o apoio incondicional a atos anticomunistas, como sugere Jesualdo Cavalcante:

Ao lado de pessoas sinceras e ideologicamente identificadas com o novo regime, não eram poucos os que, marcados por um passado um tanto quanto nebuloso, tentavam limpar a própria folha corrida apelando para a denunciação ou mesmo fazendo o possível para mostrar as caras, em fingida contrição, nas novenas da paróquia de São João da Vila Operária, cujos padres, estrangeiros todos, esmeravam-se em promover cerrada pregação anticomunista.¹⁹⁹

Fundadas, e por vezes infundadas, as práticas de denunciação se espalharam pela capital e por todo o Estado, havia até quem tenha visto “comunistas” presos a denegrir a Revolução em plena praça pública, como lembra sarcasticamente, o acusado:

o capitão Clidenor de Moura Lima, um dos mais atuantes membros do comando militar, achegou-se de minha cela para dizer:
 – Eh, Jesualdo, seus inimigos não descansam mesmo...
 – Que houve Capitão? perguntei-lhe, curioso.
 – Há pouco recebi um telefonema anônimo interessante. Alguém jurava por A mais B que o viu agora mesmo, na Pedro II, esculhambando a revolução. E não adiantou eu dizer que isso era totalmente impossível, já que você se achava preso aqui. O sujeito simplesmente redarguiu que eu estava era por fora; não sabia de que eram capazes esses comunistas...²⁰⁰

Essas foram breves demonstrações de algumas práticas anticomunistas no Piauí, após o golpe civil-militar de 1964. Muitos outros estudos de relevância sobre o período do golpe e ditadura ainda estão por se realizar, pois é necessário que ainda percebamos os efeitos daquele momento para a cultura político/partidária, para a política cotidiana, bem como para a população de modo geral. O que de fato se

¹⁹⁷ IGREJA, Marcos de Paiva. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento e Marylu Alves de Oliveira. Teresina, NHOIDB, 2005. 56p.

¹⁹⁸ Id. *ibid.*

¹⁹⁹ BARROS, J. C., *op. cit.*, 2006, p.195.

²⁰⁰ *Ibid.*, p.209.

sabe é que as pessoas que sofreram a ação dos golpistas eram indivíduos que estavam adentrando aos movimentos sociais locais, ou até mesmo praticando uma forma de política que visava os mais pobres e os trabalhadores do campo. O golpe refreou esse impulso, não apenas no Piauí, mas em todo Brasil. Por isso, é preciso que nos aprofundemos nas pesquisas nacionais e locais para que possamos entender as forças progressistas e conservadores que nos constituem politicamente, e nos fazem ser o que somos hoje no tocante ao fazer político. Nós, pesquisadores desse período, ainda temos muito trabalho pela frente.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Jesualdo Cavalcanti. Tempo de contar (o que vi e vivi nos idos de 1964). Teresina: Gráfica do Povo, 2006.
- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. Para uma nova história cultural. Lisboa: Estampa, p. 349-366, 1998.
- BOBBIO, Norberto. Direita e esquerda: razões e significações de uma distinção política. 3.ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre Igreja Católica e o regime militar em Teresina. Dissertação (Mestrado) – UFPI, Teresina, 229p, 2006.
- CHARTIER, Roger. História cultural: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; São Paulo: BERTRAND, 1990.
- OLIVEIRA, Marylu Alves de. Contra a foice e o martelo: considerações sobre o discurso anticomunista no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal *O Dia*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.
- _____. A cruzada antivermelha - democracia, Deus e terra contra a força comunista: representações, apropriações e práticas anticomunistas no Piauí na década de 1960. Dissertação (Mestrado) – UFPI, Teresina, 2008.
- _____. Chagas Rodrigues, PTB e o Trabalho no Piauí. In.: LIMA, Frederico Osanan Amorim e ARAÚJO, Johny Santana de (orgs.). História: entre fontes, metodologias e pesquisa. Teresina, PI: EDUFPI; Imperatriz, MA: ÉTICA, p.89-104, 2011.
- SOUSA, Ramsés Eduardo Pinheiro de Moraes e SANTOS. José Maurício Moreira dos. “VELHOS CAMARADAS”: contribuição inicial à história do Partido Comunista Brasileiro no Piauí (1932- 1964). Anais eletrônicos do XII Encontro Nacional de História Oral. Disponível em: <http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/site/anaiscomplementares> acessado em 26 de setembro de 2014.

FONTES

- AÇÃO Comunista. *O Dia*, Teresina, n. 1210, p. 7-8, abr. 1964.
- ASSEMBLEIA Legislativa cassa mandatos de deputados e suplentes. *O Dia*, Teresina, n.1234, p. 1, 9 maio 1964.

- ATA da Câmara Municipal de Teresina, referente à Cassação do mandato do vereador Jesualdo Cavalcanti Barros. Teresina, 11 de abril de 1964. Cópia do documento cedido pelo Dr. Jesualdo Cavalcanti à pesquisadora.
- ATO institucional: Piauí acelera inquéritos. *O Dia*, Teresina, n. 1.207, p. 1,3 jun. 1964.
- BOMFIM, Maria do Carmo Alves. Entrevista concedida à Luciana de Lima Pereira e José Maria Vieira de Andrade. Teresina, 2003.
- CADEIRA do barbeiro. *O Dia*, Teresina, n. 1.208, p. 4, 4 abr. 1964.
- CASSADO o mandato do vereador Jesualdo Cavalcanti. *O Dia*, Teresina, n. 1.215, p. 1, 12 abr. 1964.
- CERTO e ErRádio, pela equipe de *O Dia*. *O Dia*, Teresina, n.1.208, p. 2, 4 abr. 1964.
- COMANDO da Guarnição Federal. *O Dia*, Teresina, n. 1.211, p. 8,8 abr. 1964.
- COMERCIANTE. *O Dia*, Teresina, n. 1216, p. 5, 14 abr. 1964.
- COMITIVA de rearmamento moral visitou Teresina. *O Dia*, Teresina, n. 1458, p. 1, 8 fev. 1965.
- DESBARATADO o partido comunista, secção do Piauí. *O Dia*, Teresina, n. 1.209, p. 1, 5 abr. 1964.
- EDITORIAL. Reforma Agrária. *O Dia*, Teresina, n. 1.129, p. 4,3 out. 1963.
- ESTUDANTES piauienses presos no congresso. *O Dia*, Teresina, n. 2559, p. 1, 17 out. 1968.
- FEDERAÇÃO dos Círculos Operário do Piauí. *O Dominical*, Teresina, n.40-62, p.4, 14 out. 1962.
- GUARNIÇÃO federal de Teresina. *O Dia*, Teresina, n. 1493, p. 1, 24 mar. 1965.
- GUARNIÇÃO Federal de Teresina. Nota Oficial. *O Dia*, Teresina, n. 1.210, p. 8, 7 abr. 1964.
- GUARNIÇÃO Federal de Teresina. Nota Oficial. *O Dia*, Teresina, n.1245, p.1, 22 maio 1964.
- GUILHERME, Olímpio. Assembleia Legislativa. Folha da Manhã, Teresina, n. 1.652, p.8, 15 nov. 1963.
- IGREJA, Marcos de Paiva. Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento e Marylu Alves de Oliveira. Teresina, NHOIDB, 2005. 56p.
- INTERESSE em torno da visita da comitiva do rearmamento moral. *O Dia*, Teresina, n.1457, p.1, 7 fev. 1965.
- LEAL, L. N. MP fiscaliza com autonomia total. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 3, 25 abr. 1999.
- LEITE, Cristina. Gente Patriota. *O Dia*, Teresina, n. 1.216, p. 7, 14 abr. 1964.
- MATERIAL Comunista. *O Dia*, Teresina, n. 1.210, p.8, 7 abr. 1964.
- MEDEIROS, Antônio José Castelo Branco. Entrevista concedida à Maria do Amparo Alves de Carvalho. Teresina, 1997. Cf. ANEXO. In: CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meios às tensões entre Igreja Católica e o regime militar em Teresina. Dissertação (Mestrado) – UFPI, Teresina, 2006. 229p.
- MENDES, Simplício. Terreno minado. *O Dia*, Teresina, n. 1.210, p. 3, 7 abr. 1964.
- _____. Penosa viagem. *O Dia*, Teresina, n. 1.217, p. 3, 15 abr. 1964.
- _____. Apresenta-se a revolução comunista. *O Dia*, Teresina, n. 1.220, p. 3, 19 abr. 1964.
- _____. Os sindicatos. *O Dia*, Teresina, n. 1.224, p. 3, 25 abr. 1964.
- _____. Rearmamento moral. *O Dia*, Teresina, n. 1458, p. 3, 8 fev. 1965.
- MISSA em ação de graças pela vitória da democracia. *O Dia*, Teresina, n. 1213, p.8, 10 abr. 1964.
- MOTORISTA. *O Dia*, Teresina, n. 1216, p. 7, 14 abr. 1964.
- OFÍCIO da Guarnição Federal de Teresina à Câmara Municipal de Teresina, referente ao pedido de cassação do mandato de Jesual do Cavalcanti Barros. Teresina, 09 de abril de 1964. Cópia do documento, em anexo, cedido pelo Dr. Jesual do Cavalcanti para a pesquisadora.
- OLIVEIRA, Manoel Emílio Burlamarqui de. Entrevista concedida à Maria do Amparo Alves de Carvalho. Teresina, 1998. Cf. ANEXO. In: CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meios às tensões entre Igreja Católica e o regime militar em Teresina. Dissertação (Mestrado) – UFPI, Teresina, 2006. 229p.
- OPERAÇÃO Limpeza últimas notícias. *O Dia*, Teresina, n.1247, p.8, 24 maio 1964.

- OPERAÇÃO Limpeza em ação. O Dia, Teresina, n. 1.209, p. 1, 5 jun. 1964.
- PAULA, Ana. Dizendo o que penso. O Dia, Teresina, n.1.213, p.7, 10 abr. 1964.
- PELO CANO. O Dia, Teresina, n. 1.209, p. 8, 5 abr. 1964.
- _____.O Dia, Teresina, n.1.247, p.4, 24 maio 1964.
- PIAUIENSE. O Dia, Teresina,n.1213, p. 1, 10 abr. 1964.
- PRESO em Teresina aliciador comunista. O Dia, Teresina, n.2.806, p.7, 6 nov. 1969.
- PROSSEGUEM diligências e prisões. O Dia, Teresina, n. 1245, p. 1, 22 maio 1964.
- REVOLUÇÃO Comunista estava por um fio.O Dia, Teresina, n. 1.212, p. 1, 9 abr. 1964.
- SEBASTIÃO Leal fala à imprensa sobre atividades de sua secretaria. O Dia, Teresina, n. 1.247, p. 1, 24 maio 1964.
- SILVA, Ana Maria Pires Lopes da. Entrevista concedida à Francisco Alcides do Nascimento. Teresina, 2002.
- SOARES, Pe. Raimundo José Airemorais. Entrevista concedida à Maria do Amparo Alves de Carvalho. Teresina, 1998. Cf: ANEXO. In: CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meios às tensões entre Igreja católica e o regime militar em Teresina. Dissertação (Mestrado) – UFPI, Teresina, 2006. 229p.
- SOUSA, Palmira Luiza. Entrevista concedida à Maria do Amparo Alves de Carvalho. Teresina, 1997. Cf: ANEXO. In: CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meios às tensões entre Igreja Católica e o regime militar em Teresina. Dissertação (Mestrado) – UFPI, Teresina, 2006. 229p.
- VOTO do vereador Paulo Rubens na cassação de Jesualdo Cavalcante. O Dia, Teresina, n. 1.217, p. 6, 15 abr. 1964.